

FESTA DO

# COLETE EN CARNA NA DO



VILA  
FRANCA  
DE XIRA

5, 6 e 7  
JULHO 2024

TODA A PROGRAMAÇÃO



CÂMARA  
MUNICIPAL

Ligações Fortes  
cm-vfxira.pt



APOIOS



Entidade Regional de Turismo  
da Região de Lisboa





**SÁBADO**

**06 DE JULHO / 16H00**

PRAÇA AFONSO DE ALBUQUERQUE

## **HOMENAGEM AO CAMPINO**

## **GRANDES CONCERTOS**

### **PALCO CEVADEIRO**

Concertos interpretados  
em Língua Gestual Portuguesa



**DAVID CARREIRA**



**ANJOS**

### **PALCO PEDRO VICTOR**



**RICARDO RIBEIRO**



**MARCO RODRIGUES**



**TODA  
A INFORMAÇÃO:**



**COLETE ENCARNADO 2024 / REVISTA**

**Propriedade** Câmara Municipal de Vila Franca de Xira [CMVFX] **Direção** CMVFX / Presidente - Fernando Paulo Ferreira **Edição** CMVFX / Divisão de Planeamento e Gestão de Eventos Municipais [DPGEM] / Divisão de Comunicação, Protocolo e Relações Internacionais [DCPRI] **Paginação** CMVFX / DCPRI / Dulce Munhoz **Impressão** Santos e Oliveira, Lda. **Tiragem** 4 000 exemplares **Distribuição gratuita** julho de 2024

# EDITORIAL

**FERNANDO PAULO FERREIRA**  
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

Entre os dias 5 e 7 de julho, Vila Franca de Xira vai receber a 92.ª edição da Festa do Colete Encarnado. E, como sempre, a nossa terra transforma-se nesses três dias, ganha novas cores e novas caras. De todo o Concelho e de vários cantos do País e do estrangeiro chegam visitantes à procura do que de mais característico e carismático tem o nosso Colete Encarnado. Momento ímpar da construção e história coletiva de Vila Franca de Xira, apresenta-se como uma festa única no contexto da Área Metropolitana de Lisboa, e é uma das maiores e mais emblemáticas festas do Ribatejo.

Reconhecida, desde 2020, como uma das 7 Maravilhas da Cultura Popular Portuguesa recebeu, em 2024, o Prémio 5 Estrelas Regiões na categoria de Festas, Feiras e Romarias.

É a festa das Pessoas e da Tradição.

Este ano apresentamos três novidades: o espaço para a família, o comboio especial e um maior e melhor serviço de autocarros shuttles, tudo gratuito.

O espaço para a família estará localizado junto ao Tribunal e irá criar melhores condições para momentos de pausa, para quem tem bebés ou crianças pequenas e inclui um espaço para amamentação e troca de fraldas.

Também para as pessoas, e a pensar na mobilidade sustentável, nos dias do Colete Encarnado, teremos um comboio especial, grátis, nas madrugadas de 6 e 7 julho, com partida às 3h20 de Vila Franca de Xira e com paragem em todas as estações e apeadeiros até Lisboa/Santa Apolónia.

Teremos também shuttles de autocarro gratuitos, que vão circular entre as 17h00 e as 05h00, com partidas (e regresso) a cada meia hora da Castanheira do Ribatejo e Povos, a norte; e de Vialonga, Póvoa de Santa Iria, Alverca do Ribatejo e Alhandra, a sul, com paragens junto a locais com grandes estacionamento.

A opção pelo transporte público permite que as pessoas possam deslocar-se de e para Vila Franca de Xira de uma forma mais confortável e sem constrangimentos, tendo em conta que as ruas da cidade estarão fechadas ao trânsito automóvel nos dias do evento.

Muito do que é o programa do Colete Encarnado passa-se, precisamente, na rua, onde as pessoas se juntam nas alvoradas, nas diversas animações, concentrações e desfile de tertúlias, nos concertos, na sardinha assada, no caldo verde, no fogo de artifício e muito mais!

A Tradição marca a forma genuína como se vivem os dias da Festa! O momento alto, no sábado, dia 6 de julho, será assinalado, uma vez mais, na Praça Afonso de Albuquerque (Largo da Câmara), com a homenagem ao campino Joaquim Júlio Ruivo Correia (conhe-

cido como “Matateu”), num reconhecimento solene pelo seu contributo para a arte da campinagem, cujo Pampilho de Honra que lhe será entregue é um tributo póstumo a Manuel Rodrigues Borda D’Água, considerado, pelos seus pares, o último campino a entregar-se dia e noite à Lezíria, e que faleceu em 2019, aos 93 anos.

Pelo segundo ano consecutivo, o Colete Encarnado foi antecedido de diversas atividades promovidas pela Câmara Municipal e as forças vivas do Município, oferecendo, entre março e julho, uma programação abrangente a que demos o nome “Do Campo à Praça”.

As esperas, largadas e corridas de toiros assentam na tradição e afirmam a identidade Vilafranquense, atraindo milhares de visitantes.

A música também não vai faltar! Na Av. Pedro Victor, o palco Pedro Victor irá receber artistas de música popular, assim como o espetáculo final de domingo, dia 7, dedicado ao fado.

O Mercado Municipal, a Praça Afonso de Albuquerque, o Largo Conde Ferreira, a Igreja Matriz, a Rua Alves Redol, a Avenida Combatentes da Grande Guerra, a Rua 1.º Dezembro, assim como o Jardim Municipal Constantino Palha, o Largo 5 de Outubro, o Cais de Vila Franca de Xira e a Praça de Touros Palha Blanco vão acolher atividades inscritas no programa deste ano e que, como acontece todos os anos, animam as gentes da terra e quem nos visita por esta altura.

Em 2024 mantemos a realização dos grandes concertos no Parque Urbano do Cevadeiro, garantindo um espaço com maiores dimensões e segurança para todos. No cartaz temos, entre outros, os Anjos e, pela primeira vez em Vila Franca de Xira, o David Carreira. A ligação ao Tejo é afirmada, entre outros momentos, com a concentração dos barcos tradicionais no Cais de Vila Franca de Xira, com a chegada do Cruzeiro da Moita- Vila Franca de Xira-Moita, no dia 6, e a sua partida, no dia seguinte.

E, claro, o encerramento da Festa do Colete Encarnado é assinalado com o tradicional fogo de artifício junto ao Tejo.

É um programa para todos os gostos e para todas as idades!

É assim há 92 anos. Vila Franca de Xira mexe ainda mais pelo Colete Encarnado.

Contamos convosco para fazer a Festa!



Pampilho de Honra - Manuel Borda D'Água (1926-2019)

## *O último Campino com morada no campo*

*Numa festa vibrante onde pulsa a tradição e as ruas fervilham de agitação há um momento em que o silêncio impera: a entrega do Pampilho de Honra ao Campino homenageado. Este ano, a Vara tem nela inscrito o nome daquele que foi considerado o último campino a entregar-se dia e noite à Lezíria: Manuel Borda D'Água.*



**N**ascido e criado nos Casais de Baixo, em Azambuja, Manuel Rodrigues Borda D'Água, filho de agricultores, cedo preferiu trabalhar com os animais.

Ainda agarrou nas sebentas para ir à escola, mas, aos oito anos, impôs-se a necessidade de ajudar no sustento dos seus quatro irmãos. Embora começasse a trabalhar ao lado do pai e do irmão mais velho, na agricultura, o seu primeiro ordenado veio a ser um tostão ao dia para guardar ovelhas. Desde então, não mais largou os animais, guardando gado, do manso ao bravo, até se tornar maioral em muitas casas de tradição taurina.

No desfiar dos anos, as reconhecidas casas agrícolas Lima Monteiro, António Barreiro, Fernando Salgueiro (toureiro), Andrade, Jaime Herculano, Fernando dos Santos, Prudêncio e Conde Murça fizeram parte do seu percurso e a afamada ganadaria Norberto Pedroso veio a ser, até ao final dos seus dias, a sua casa e o seu ferro. Neste experiente caminho andou a par com

outros campinos da velha guarda, como Inácio Carniça, José Canário, Lúcio dos Santos e Joaquim Ruivo Correia (“Matateu”) que é, este ano, também homenageado pelo Município de Vila Franca de Xira, e que empunhará o Pampilho de Honra na evocação a Manuel Borda D’Água.

### Teve dois amores: Elisa e o campo

Em vida, em entrevistas a jornais regionais, Manuel vaticinava o fim do ofício, pois contava já poucos campinos dedicados a tempo inteiro e com o preceito e rigor inerentes. A dureza e o parco rendimento, que tão bem conheceu, também o justificava, obrigando-os ao exercício de outros trabalhos em simultâneo.

Manuel levou curros de ganadarias a todas as praças de toiros do País e, ainda, de Espanha. Participava nas corridas de campinos, provas de perícia, de condução de jogos de cabrestos e, também, em algumas picarias, arrecadando prémios e troféus. Fez esperas de toiros nas festas do nosso Concelho, mas parecia particularmente feliz quando resgatava memórias do seu dia a dia, em que o corpo lhe permitia a destreza que as tarefas exigiam. Mesmo quando relatava que, ao laçar um toiro na manga, um corno lhe furou um braço de um lado ao outro ou mesmo quan-

do sofreu uma queda a cavalo, junto a Alcamé, que lhe valeu uma clavícula partida.

De uma vida inteira dizia que as maiores saudades eram de lidar com os toiros, isso era viver a plenitude do campo, um dos seus dois amores.

Em conversa com um dos três filhos de Manuel Borda D’Água, Estêvão Rodrigues, ficámos a saber que o seu pai foi protagonista de uma cena digna do mais romântico dos filmes do género. Por volta dos seus 28 anos guardava vacas bravas numa charneca na Ota e, por lá, conheceu uma moça de sua graça Elisa, por quem se perdeu de amores. Orfã, aos cuidados de uns tios, parecia corresponder nos sentimentos, contudo Elisa era menor e o consentimento dos seus tutores tardava. Certa noite, agarrou na sua montada, foi buscá-la e levou-a consigo para o resto da vida. Numa entrevista a um jornal diário nacional<sup>1</sup>, Manuel chegou a contar, sobre este episódio que, levado a tribunal, o juiz perguntou-lhe por que a tinha levado, ao que respondeu: “Porque gosto dela! Então, o juiz disse-lhe: ‘O senhor vai preso!’ Mas Elisa não se ficou e respondeu: ‘Então se ele vai preso eu também vou porque gosto dele!’”. Depois de criarem os filhos havia ainda muito para partilhar, mas quis o destino que Elisa, o seu outro amor, partisse cedo, aos 42 anos.



## Encantado pela Lezíria fez desta a sua casa

Entregue a um punhado de terra na Lezíria, isolado, sem avistar casa ou alma no horizonte, Borda D'Água (como era conhecido) personificou a verdadeira essência do campino, vivendo dia e noite, por quase duas décadas, no Mouchão da Cabra (Casa Norberto Pedroso). A campinagem cativou-lhe o coração. Abraçou o ofício na cadência dos dias e assim se deixou ficar. Há uma década, já ninguém ficava no campo. Foi o “último” a viver o pleno significado desta vida, a quem os seus pares de profissão ainda vivos reconhecem esta dedicação, escolhendo-o, assim, para este tributo póstumo.

Borda D'Água soube viver com o que lhe calhou em sorte e a solidão foi um desafio mais sentido à medida que ganhou idade.

Até chegarem momentos de reconhecimento em que lhe anunciavam uma homenagem, como sucedeu em Alcochete, Samora Correia (Benavente) e Azambuja, Manuel julgava-se esquecido.

Alguns larápios chegaram a fazer uso do seu isolamento, roubando-lhe arreios, algumas ferramentas de trabalho e até ovelhas. Valeram-lhe o seu cão, o “Benfica”, companheiro de todas as horas, e a divina providência.

Estêvão (filho) contou-nos que acautelava a pouca logística que lhe fazia falta, nomeadamente, alguns alimentos que o campo não concebia. E foi só. Borda D'Água não arre dava pé do campo e chegou a partilhar que gostaria um dia, quando partisse da vida terrena, de ficar ali, com morada eterna no Mouchão.

Explicou-nos o seu filho que todo o percurso



do pai foi o retrato da sua personalidade: forte, “tinha de ser à maneira dele, quando não era...”.

A doença de Alzheimer e outros problemas de saúde foram debilitando o emblemático campino, arrancando-o do campo para rumar ao Lar da Misericórdia de Alverca do Ribatejo. Aos 93 anos, em setembro de 2019, partiu desta vida preenchida pela música do campo, pelos animais e tarefas árduas, um verdadeiro guardião da Lezíria.

No primeiro sábado de julho, como dita a tradição, o momento mais solene da Festa evoca, numa derradeira homenagem, um grande intérprete da arte de campinar. Nestes 92 anos de Colete Encarnado, Vila Franca de Xira expressa o seu sentido de terra aficcionada e agradecida pelo contributo e brio de Manuel Borda D'Água.

<sup>1</sup>Correio da Manhã

**Texto:** Ana Sofia Coelho.

**Fotografia:** gentilmente cedidas pela família de Manuel Borda D'Água.



FESTA DO

# COLETE EN CARNA DO



## ESPETÁCULOS TAURINOS

SEXTA-FEIRA  
05.JULHO

**18H00**  
ESPERA DE TOIROS  
SEGUIDA DE LARGADA

SÁBADO  
06.JULHO

**10H30**  
CORRIDA DE CAMPINOS  
LG. 5 DE OUTUBRO

**12H30**  
*ENCIERRO* PARA JOVENS  
LG. 5 DE OUTUBRO

**18H30**  
ESPERA DE TOIROS  
SEGUIDA DE LARGADA

**02H00**  
GARRAIADA  
DA SARDINHA ASSADA  
PRAÇA DE TOUROS PALHA  
BLANCO

DOMINGO  
07.JULHO

**10H30**  
ESPERA DE TOIROS  
SEGUIDA DE LARGADA

**18H00**  
CORRIDA DE TOIROS  
PRAÇA DE TOUROS PALHA  
BLANCO

TODA A PROGRAMAÇÃO



Joaquim Júlio Ruivo Correia - Campino Homenageado 2024

## *“Matateu” conquista maior distinção da carreira em Vila Franca de Xira*

**E**m Benavente, bem no centro histórico desta vila ribatejana, no rescaldo das comemorações do Ano Novo de 1947, o casal Joaquim e Ilda Augusta deu as boas-vindas ao primogénito de 12 irmãos. Herdou o nome do patriarca da família Correia e o pároco que o batiza, quiçá numa habilidade profética, dá-lhe a alcunha do portentoso jogador do Benenenses “Matateu”. Joaquim Júlio Ruivo Correia também esteve quase seis décadas no campo e distinguiu-se, não pelas goleadas, mas por uma carreira brilhante. Parecendo obedecer às leis da numerologia, a 6 de julho, mais precisamente no sábado de Colete Encarnado, os seus pares e Vila Franca de Xira, vão publicamente louvar a dedicação à arte ancestral que todos abraçaram de alma e coração, designando-o para Campino Homenageado 2024.

A Festa do Colete Encarnado tem a sua génese na homenagem a esta figura típica da Lezíria. Corridos 92 anos desde a sua origem em 1932, o momento da homenagem ao campino representa, de forma simbólica, a apoteose de uma carreira de tão exclusivo ofício português. Quando recebeu a notícia da tão preciosa distinção, Joaquim Correia disse que “acho bem bonito e fico feliz. O Colete Encarnado é uma festa diferente, porque ali é de uns para os outros, noutros lados não é assim. É qualquer um que faz a entrega de uma taça ou outra coisa qualquer. Parece que não, mas é outra dor. A arte é muito bonita e é uma pena não haver campinos, agora é só tratristas, só se fardam para as festas”, terminou com uma expressão grave.

Aludindo aos sacrifícios que o seu tempo obrigava em analogia aos facilitismos que os seus colegas de trabalho contemporâneos dispõem, prosseguiu recordando “antes era só aquilo e

aquilo mesmo. Hoje saem às 17h, nós tínhamos de lá dormir, muitas vezes no campo, porque não era como agora, que está tudo cercado e armado. Hoje vêm para casa de carro ou mota, eu quando vinha era a cavalo. Lembro-me de vir a casa ao sábado a seguir ao almoço e depois abalava no domingo de manhã, para dar ração aos animais. Quantas noites dormi no campo para não deixar o gado ir para a terra dos outros. Era com o cavalo amarrado no meu pé, porque assim que ele sentisse movimento nos touros, puxava logo e eu acordava”, recordou com orgulho Joaquim Correia.

### **A história das estórias de uma vida**

Ouvir a história da sua vida, contada à luz de uma memória já septuagenária repleta de recordações e num curto espaço de tempo dedicado a uma conversa, fez com que os episódios relatados nem sempre surgissem por ordem cronológica. Num chorrilho assombroso de estórias, que começaram em tenra idade, relatou-se uma vivência dura, crua, desprovida dos ensinamentos mais fundamentais, como ler e escrever, de comodidades ou de benesses.

A tez morena e vincada do homenageado, resultante dos muitos anos de trabalho no campo, não trouxe surpresas quando contou que: “Não sei ler nem escrever. Tenho pena agora, mas naquele tempo nem pensava nisso. Tinha de trabalhar para ajudar os meus pais a dar de comer aos meus irmãos. Comecei a trabalhar com sete anos, com o Ernesto Batateiro, na Quinta da Foz, em Benavente. Depois saí e fui para a ganadaria do Eng.º Rafael Mendes Calado, para a Herdade do Monte da Saúde, em Benavente, ser camaramda do meu tio João Garrafão, maioral dos tou-



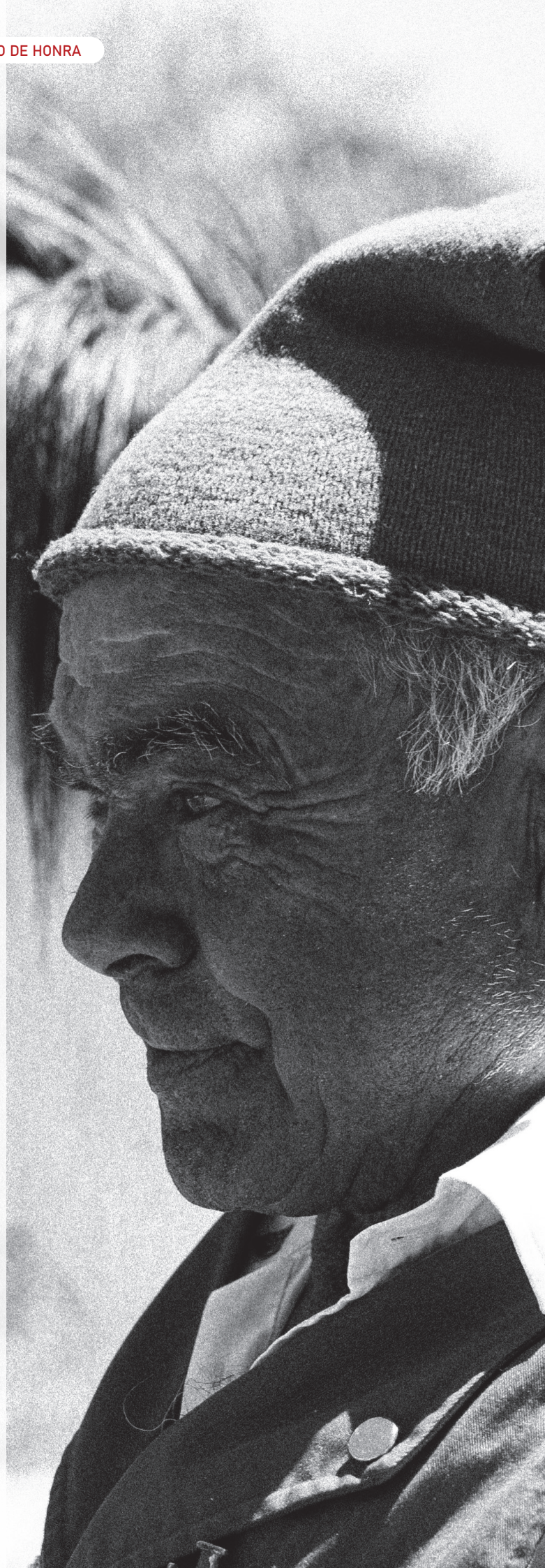
ros. Mais tarde segui para a ganadaria Manuel António Lopo de Carvalho, para o Mouchão dos Malagueiros, entre Salvaterra de Magos e Benavente. De lá fui para o ferro que hoje trago no colete, da Casa do Sr. António Marques, em Benavente. Também fui empregado do Sr. José Dias”.<sup>NR1</sup>

“Matateu” recordou ainda o tempo em que foi para Mafra, aos 20 anos de idade, cumprir com o serviço militar obrigatório. “Fui para a Cavalaria, com o Sr. João Preceito e com o Sr. António Foguete. Estive lá 37 meses e 20 dias e meio. Este meio-dia foi assim porque nos deram ordem de soltura à sexta-feira depois de almoço. Quando regresssei ao trabalho fui montar cavalos para o Sr. Júlio Botelho Moniz, para a Quinta das Carochas, em Benavente”.

Reformou-se quando já tinha quase duas décadas de dedicação à ganadaria de David Ribeiro Telles, patriarca da conhecida família de quem guarda muita estima e consideração: “O Sr. David era uma pessoa antiga, gostei muito de trabalhar para ele. Percebia muito do ofício e não chateava ninguém. Só dizia quero isto feito e pronto. Deu-me muita lição, mas também me dizia que eu sabia fazer milagres”, disse o campino, transparecendo orgulho.

“Fazia-me dar a volta todos os dias aos touros a cavalo, de manhã e à noite, muitas vezes ele também acompanhava. Uma vez, numa propriedade ao pé de Ponte de Santa Justa, no Couço, em Coruche, as vacas meteram-se num vale para comer erva, mas não podíamos ir lá porque nos atascávamos. Eu com o António, ficámos lá tantas noites à espera que saíssem para a charneca depois de encherem a barriga. Quando chegavam à terra enxuta, não as deixávamos regressar. O filho do patrão era como se fosse um companheiro, acompanhava-me muitas vezes”, prosseguiu mostrando uma amizade muito grande pelo atual decano desta conceituada família de cavaleiros tauromáquicos.

Joaquim Correia passava a maior parte do tempo nestas terras e, no inverno, vinha para a outra propriedade da família, a Herdade da Torrinha, no Biscainho, em Coruche. “Trabalhava nos salgados, à borda do Rio Sorraia e de inverno passava um mês ou dois à Torrinha. Vínhamos para a terra de areia, para não darmos cabo das pastagens na Lezíria. Trazíamos o gado a pé, pela Foz. Atravessávamos aquilo a que chamávamos a ‘casa de carvão’, antes mesmo de chegar a Samora Correia, passávamos a estrada de alcatrão e voltávamos ao cam-





po. Era um dia para fazer a viagem. Fazíamos para cá e depois de novo para lá”, afirmou com um brilho no olhar.

### A tarefa que lhe furou as “ventas”

Estes trabalhos duros, nunca o fizeram desistir da arte de campinar. Nem mesmo quando os ossos do ofício o levaram de urgência ao existente Hospital de Benavente, por causa “de uma tarefa de um touro que me furou as ventas. Estava na Herdade dos Malagueiros a vacinar o gado bravo e meto a cabeça dentro do postigo do enjaulador, para chamar o touro que estava dentro do curro. E assim foi, mas veio mais depressa do que eu pensava e até o cabelo ficou agarrado à parede. Furou-me na garganta e veio-me sair à boca. Quando terminaram de me coser, abalei do hospital e fui acabar de as vacinar” referiu, atestando a sua dedicação ao trabalho.

Foi aqui que conheceu a mãe das suas três filhas. Empregada no hospital à época, soube do incidente e deu-se à fala com o valente campino. Conversa puxa conversa, enamoraram-se e casaram. Após o divórcio, de uma outra relação nasceram mais dois filhos, um casal. Descendente de campino, irmão de outros dois (João e Manuel “Garrafão”), Joaquim vê em si o findar desta dinastia, uma vez que o seu único rapaz seguiu outra carreira profissional. Ainda assim reconhece que o seu gosto por montar a cavalo também corre nas veias do seu descendente.

### Quando um touro se decide a despir o campino

A propósito, recordou que foi de cima da sua montada, para os lados da Barrosa, que um touro investiu “e foi-me buscar a cima do cavalo. Despiu-me todo, fiquei só com as botas e o relógio. Depois de cair, rebolei para uma vala. O touro com um corno despia-me, com

o outro abria rasgos na vala. De repente abalou. Mas, ainda fui atrás dele, todo nu. Treinou-se comigo à sexta-feira, no sábado matou um homem nas largadas, de Benavente. Fui para o hospital todo negro, com as roupas emprestadas do guarda-florestal, mas não tive males maiores”, concluiu com uma grande risada o Campino Homenageado do Colete Encarnado 2024, ao recordar o ganadeiro José Cruz que, ao longe, pensou que andava uma mulher nua, no meio dos girassóis. O curioso é que o touro regressou ao cuidado de Joaquim Correia, que continuou destemidamente a alimentá-lo e a tratar dele, como das demais reses bravas que estavam à sua responsabilidade.

Fora das faenas do campo, também foi a várias praças de touros espanholas e portuguesas, nomeadamente Abiúl (Pombal), Cascais, Nazaré, Salvaterra de Magos, Santarém, Setúbal, Póvoa de Varzim, entre outras. Em casa, a típica cristaleira da sala tem expostos vários troféus arrebatados nos jogos de perícia e destreza, nas provas de condução de cabrestos, nas corridas à vara larga e noutras demonstrações populares deste género, em festivais e festividades que se realizam anualmente, em várias localidades ribatejanas e também por todo o país. No colete que envergava, exibia uma medalha na qual estava inscrita o seguinte louvor: “Agradecimento Malveira, 18/10/81”.

A participação nestas manifestações culturais sempre foi muito apreciada pelos que são considerados os reis da Lezíria. Representa um momento de evasão ao trabalho duro e solitário que compõe o dia-a-dia destes profissionais. Passado entre a Charneca e a Lezíria, faça calor ou frio, esteja a chover ou solarengo, as tarefas executavam-se muitas vezes sob condições meteorológicas rigorosas, exigindo ainda um esforço físico duro, severidade que ainda era mais notória e sentida em tempos passados. “Os dias eram desde o sol nascer até se

pôr, às vezes com um fato oleado sempre vestido, com água a cair pelo lombo, que era para não ganhar pó!”, descreveu Joaquim Correia de forma realista e humorística, mas que na verdade revela uma grande força interior, a necessária para superar as vicissitudes inerentes aos muitos anos de dedicação ao seu ofício, exercido nas várias ganadarias por onde passou.

Foi com esta aguerrida postura e jovial atitude que de sorriso aberto e franco disse: “Nunca pensei em mudar de profissão. Ainda hoje quando me pedem ajuda, é uma alegria para mim. Ainda vou com o Dr. Luís Fragoso<sup>NR2</sup> dar-lhe uma mão com o gado. Já não o faço a cavalo, claro. Tenho uma ‘roda’<sup>NR3</sup> que já não ajuda. Antigamente caia sempre de pé, mas agora pareço uma pedra a cair no chão. O António Ribeiro Telles está-me sempre a convidar para o picadeiro e ainda há três anos fiz as entradas em Benavente com um cavalo do meu irmão, mas agora já tenho receio”, concluiu pesaroso.

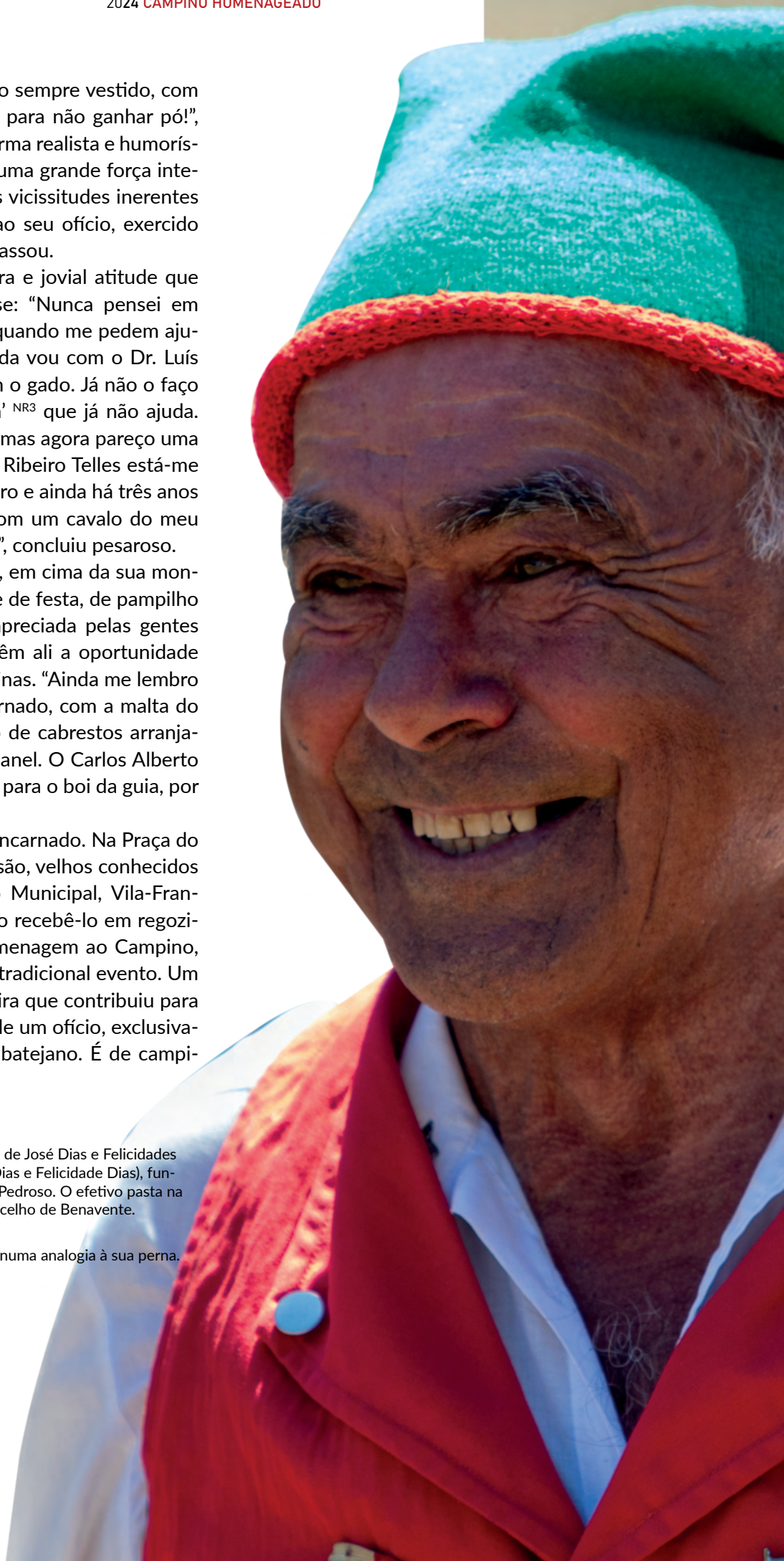
Em dias de festa, os campinos, em cima da sua montada, envergando o garboso traje de festa, de pampilho em riste, são a atração muito apreciada pelas gentes das cidades e forasteiros, que têm ali a oportunidade de apreciar algumas fainas campinas. “Ainda me lembro uma vez que fui ao Colete Encarnado, com a malta do João Ramalho. Fui com um jogo de cabrestos arranjado por mim e pelo meu irmão Manel. O Carlos Alberto Casquinha deu-nos uma guizeira para o boi da guia, por termos ganho o primeiro lugar”.

Este ano, regressa ao Colete Encarnado. Na Praça do Município todos, pares de profissão, velhos conhecidos e até desconhecidos, Executivo Municipal, Vila-Franquenses, forasteiros e família vão recebê-lo em regozijada ovação. É a tradicional Homenagem ao Campino, o momento mais carismático do tradicional evento. Um tributo público a mais uma carreira que contribuiu para enriquecer e manter viva a arte de um ofício, exclusivamente português, tipicamente ribatejano. É de campino!

Nota da Redação (NR1) Ganadaria Irmãos Dias (filhos de José Dias e Felicidade Dias, respetivamente das ganadarias José Dias e Felicidade Dias), fundada em 1976, com linhagem de Norberto Pedroso. O efetivo pasta na Herdade da Aroeira, em Santo Estêvão, concelho de Benavente.

NR2 Veterinário e afcionado

NR3 O entrevistado usou a expressão “roda” numa analogia à sua perna.





Ganadaria Lopes Branco

## *Mais de um século de gosto pela Raça Brava*

*Na margem direita do rio Sorraia, em Coruche, encontramos uma das mais antigas ganadarias portuguesas. É na Herdade do “Pé d’Erra” que recordamos a génese do ferro Lopes Branco, datada de 1918.*

**N**o remanso do campo recebe-nos Miguel Teles Branco, um dos proprietários da Ganadaria que, a par do seu irmão João (Teles Branco), comanda, atualmente, os destinos deste legado familiar. Trata-se de um testemunho secular, passado entre várias gerações até aos dias de hoje. O ganadeiro traça o esboço histórico da Casa, remontando ao início do séc. XX, mais especificamente a 1918, quando Artur Lopes Branco (tio do avô de Miguel Teles Branco e fundador) deseja dar resposta à necessidade de gado para ajudar na lavoura e, como aficionado pela festa brava que é, opta por

adquirir raça brava. Possuindo bovinos de raça Mertolenga para o trabalho no campo introduz o gado bravo de origem Soler. Depois de lidados e castrados, os toiros eram introduzidos à charua. Os primeiros toiros saem à Praça em Venda Novas e, após o seu registo, em setembro de 1925, estreiam-se no Campo Pequeno, na capital portuguesa. De acordo com a sua inscrição na Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide, a “Lopes Branco” posiciona-se como a sexta ganadaria mais antiga.

Em 1939 usam um semental Dr. António Silva e, mais tarde, já pela mão do sobrinho do fun-



dador, João Lopes Teles Branco (avô dos atuais proprietários) adquirem vacas e sementais de Pompeu Caldeira, provenientes de Soler e Pinto Barreiros. Com as ocupações geradas pelo 25 Abril de 1974 e as consequências da Reforma Agrária, esta ganadaria é praticamente destruída. Num contexto de grandes dificuldades, sem propriedade onde colocar os animais, funcionou a solidariedade e a amizade de vários ganadeiros que, afirma M. Teles Branco, são de louvar e de sublinhar. O espírito de quem comunga desta paixão pelo gado bravo permite suplantar os obstáculos que se seguem. Em 1979 são entregues 27 vacas e seis toiros. Sem terras para a sua criação, estes últimos são acolhidos na lezíria dos Salgados (Vila Franca de Xira), em terras de António Maria Henriques da Silva, e as vacas em terras da Fajarda (próximo de Coruche) de Paulino da Cunha e Silva, cuja propriedade não tinha sido expropriada. Posteriormente, com a entrega de terras, em Vale de Mouro, a ganadaria começa a redesenhar-se com um semental cedido pelo Dr. Antonio Silva, que padreia por cinco anos e, depois, com sementais cedidos por David Ribeiro Telles (procedentes de Pinto Barreiros, apelida-

da de mãe de todas as ganadarias). Um semental proveniente desta linha padreou por cerca de 14 anos. M. Teles Branco lembra que o seu pai, anterior proprietário, quis, a certa altura, dar tamanho aos animais e utilizou um semental cedido por José Luís de Andrade. “De facto, na altura, não só deu tamanho como cara”, refere. Há dois anos introduziram o atual semental, São Torcato, também da linha Pinto Barreiros, “para dar chispa”, refere o ganadeiro.

#### **Um toiro “cómodo, sem crenças, muito toureável”**

Na “Lopes Branco”, os sementais cobrem entre novembro e junho, indo à margem oposta do rio, na Herdade de Vale de Mouro, onde pastam as vacas e os *añojos* (bezerros). Estes últimos, desmamados, são depois ferrados aos 15 meses e trazidos para o “Pé d’Erra”, onde são criados e acabados aos quatro anos. Em pontas e com um pastoreio natural (com exceção do acabamento, suplementado com concentrado), os toiros correm nas largas dezenas de hectares da Herdade. Da faina diária faz parte fazê-los movimentar, co-



## “O inesperado acaba por ser o mais belo nesta arte”

### *Cabeço de Pé D’Erra revela ainda valoroso património da Idade do Cobre (período calcolítico)*

Corria o ano de 1981 quando alguns escoteiros acampados no Cabeço da Herdade deram nota de vários achados arqueológicos. O local foi, então, alvo de uma campanha arqueológica pela Universidade de Lisboa, que iniciou escavações, pondo a descoberto inúmeros vestígios de ocupação no período pré-histórico. Em 2012, foi também realizada prospeção geofísica, técnica que permite uma espécie de radiografia (arqueológica) ao terreno, e, ainda, aplicada arqueometria para, com técnicas de física e química, analisarem os artefactos como pontas de seta, vasos e outros. Ficou então evidenciada a existência de um aglomerado populacional de cerca de 30 pessoas, numa aldeia murada, no período calcolítico, designado por Idade do Cobre (com cerca de 3000 anos). Ainda hoje se consegue, com apenas meio metro de escavação, ver o desenho perfeitamente definido das habitações, algumas mós e, entre outros pormenores, observa-se o chão calcinado por um provável incêndio.

O arqueólogo responsável pelas escavações, Prof. Vítor Gonçalves, apontou ainda a curiosa coincidência de, atualmente, pastarem toiros bravos naquele local onde, há cerca de 3000 anos, era pastoreado pelo Auroque, antepassado do atual toiro de lide.

locando a água e a comida em locais diferentes.

As reses da divisa amarela e vermelha oscilam entre os 480 e 520 kg, uma preferência dos proprietários, mas a sua morfologia é díspar: pelagem preta, flava, malhada e com armações diferentes.

Nas tentas, as faenas do campo, realizadas anualmente, observam a essência da investida e os rasgos de comportamento. Valorizam a sorte de varas. Desde que “vá à vara pronta e com alegria” está apta aos intentos da Casa. “Ainda que domine sempre uma subjetividade no que se valoriza nesta seleção, alguns requisitos são irrefutáveis”, esclarece. O ganadeiro eleva a importância da emoção no espetáculo tauromáquico e que a mesma vem com a percepção do risco. Só assim, “o espetáculo tem sal. O inesperado acaba por ser o mais belo nesta arte”, defende. Define o seu toiro como “cómodo, sem crenças, muito toureável”. A sua aptidão é, claramente, para toureiro a cavalo. “Humilham e vão bem a pé, mas apagam-se mais depressa” pelo inerente esforço exigido. “Não têm uma lide comprida”, explica-nos M. Teles Branco. Na sua perspetiva, o toiro Lopes Branco é “aquele que deixa tourear, mas leva emoção e diverte. Felizmente, atualmente, o público é variado e até a bravura depende da sua percepção pessoal”.

### **Por gosto, por tradição e pela alegria que a Raça Brava traz**

Engenheiro agrónomo de formação, M. Teles Branco explica-nos que, em termos de gestão, a ganadaria não é o *core* da exploração, mas sim o setor dos cereais e da carne que, entretanto, tem ganho mais valor. Fala com alegria desta paixão e entrega ao gado bravo, mas é perentório quando esclarece que, ali, a criação de toiros de lide não possui nem pretende enveredar por uma vertente tão comercial como outras casas reconhecidas, uma linha de pensamento comum entre os irmãos proprietários. Afirma, sem subterfúgios, não se destinar “ao mercado e às praças de topo. Sem elevado potencial comercial” assume que a motivação é mesmo “para algo mais lúdico” que, com uma gestão de baixo risco, pode claramente perdurar sem acarretar quaisquer problemas financeiros. Presentemente, a ganadaria dispõe de um efetivo de quarenta vacas de ventre, um número prudente e adequado ao seu objetivo.



O seu atual e único curro está, à data da nossa conversa, agendado para Sobral de Monte Agraço. No máximo, explica-nos, costuma fazer três corridas. Já levou muitos toiros para praças no norte do País, evidenciando a vertente da ganadaria. Não obstante, a Casa participa em alguns concursos e já alcançou vários prémios como o de bravura e apresentação em Santarém, em 2014, outro de bravura no próprio Município, Coruche, e ainda, no passado ano, o de melhor toiro em Samora Correia (Benavente), para mencionar os mais recentes.

Enquanto apreciamos a bela vista proporcionada pelo Cabeço do Pé d'Erra (uma elevação no meio da várzea do Sorraia), cientes da proximidade e da imprevisibilidade dos possantes animais, o ganadeiro vai resgatando algumas histórias, como aquela contada pelos mais antigos, acerca de um semental, o "Poeta", de origem Dr. António Silva. Provavelmente com a intenção de chegar junto da vacada, que pastava noutra propriedade a vários km de distância, o toiro empreendia a caminhada, que incluía passar pelo interior da aldeia da Volta do Vale. Contudo, antes de entrar na povoação, soltava um forte bramido, fazendo como que um aviso à população que, atempadamente, corria para casa.

Conta-nos, também, que desapareceu no Cabeço, uma certa vez, o toiro 36. Correram toda a

propriedade até que deram conhecimento do seu desaparecimento ao SNIRA - Sistema Nacional de Informação e Registo Animal - como é exigido. Dois anos depois, o toiro aparece na Herdade... tinha andando escondido, mas não havia dúvida, era o mesmo animal que, dominando aquela área, com água disponível e todos os recursos do terreno, orientou-se durante todo aquele tempo, algo invulgar.

### Um ferro que une a família

Sobre as críticas à festa brava, M. Teles Branco defende que é preciso existir contacto com o respetivo contexto para um melhor entendimento. "Existem valores envolvidos que é preciso dar a conhecer e valorizar", o que nos leva a indagar, igualmente, sobre o futuro desta exploração. Diz-nos que as tentas e as ferras na Herdade, por exemplo, motivam a reunião da família, trazendo mesmo os mais urbanos e afastados da *afición*, para momentos que são de festa, onde o reencontro e o convívio salutar sobressaem. "Resulta numa âncora de grande valor para a união familiar", reconhece M. Teles Branco, acrescentando o desejo de que os netos deem continuidade a esta tradição tecida ao longo dos tempos.

Texto: Ana Sofia Coelho.  
Fotografia: Inês Serrazina.

Fundada há 19 anos

## *Amizade e tradição marcam Tertúlia “Amigos do Dedal e do Tinto”*



**N**asce em 2005, no primeiro andar do número 241 da Rua Dr. Miguel Bombarda (Mártir Santo), em Vila Franca de Xira, a Tertúlia “Amigos do Dedal e do Tinto”. Naquele local já se reuniam com frequência um grupo de amigos que, tendo por objetivo a participação oficial nas festas e eventos da cidade, decide então formalizar a criação de uma tertúlia.

Dezanove anos depois, exatamente no mesmo local, este grupo de amigos, ao qual se juntaram, entretanto, mais amigos, dá continuidade a uma tertúlia da qual a amizade é mesmo o ingrediente principal.

Mal subimos as escadas que conduzem ao primeiro andar é evidente que estamos numa das castiças tertúlias que tornam tão única a nossa cidade: as fotos e objetos expostos, alusivos ao “Colete Encarnado” e à “Feira de Outubro”, às tradições tauromáqui-

cas ou a memórias da tertúlia, compõem um cenário tão típico quanto familiar.

**“Nesta tertúlia não há sócios nem quotas.  
São amigos que aqui se juntam”**

É na mesa onde são servidos os almoços mensais da Tertúlia, a mesma que recebe os convivas por ocasião do “Colete Encarnado” e da “Feira de Outubro”, que nos sentamos para falar com a nossa anfitriã, Teodora Nunes. Para além de responsável pelo espaço, pela logística da tertúlia e cozinheira oficial, Teodora é também uma das suas fundadoras.

Vila-Franquense de alma e coração, Teodora vive desde menina com intensidade e emoção a Festa do “Colete Encarnado”, emoção essa que faz perpetuar na “sua” tertúlia, da qual fala com indisfarçados orgulho e carinho.





Numa tertúlia nascida de um grupo de amigos que ali encontrou local ideal para conviver, fazendo-se acompanhar dos respetivos filhos, atualmente as idades dos membros vão dos 30 aos 50 anos. Os filhos, meninos e meninas que, entretanto, se fizeram homens e mulheres, vieram assim dar continuidade ao sentimento de pertença, amizade e familiaridade que ali se vive.

Regressamos, aliás, à palavra “amizade” várias vezes ao longo da nossa conversa. Sem ser uma tertúlia exclusivamente tauromáquica, apesar de grande parte dos seus membros serem aficionados, esta é uma tertúlia onde se encontram para falar, não só de toiros, mas “de tudo um pouco”, com abertura e respeito, como em todos os bons grupos de amigos.

### Volte sempre, quem vier por bem

Durante os dias do “Colete” e da “Feira de Outubro”, as portas da tertúlia estão abertas a quem vier por bem. E muitos são os forasteiros que ao longo dos anos não têm resistido à curiosidade de espreitar, entrar e vivenciar o espírito da tertúlia e da Festa que ali se vive naqueles dias.



O acolhimento de pessoas de “fora” nas tertúlias, sejam forasteiros curiosos ou pessoas trazidas pelos membros, desempenha, na opinião de Teodora Nunes, um papel importante na divulgação, não só do “Colete Encarnado”, como das nossas tradições e traços identitários junto de um público já distanciado da ligação ao campo e à vida rural que aqui se vem preservando, entre outras formas, através das tertúlias.

Reencontrar a familiaridade com as vivências de outrora, a autenticidade já esquecida noutros locais, deixar-se levar pelo ambiente de festa e pela hospitalidade, ou surpreender-se com a proximidade geográfica entre Vila Franca de Xira e Lisboa, são fatores que fazem com que muitos se deixem encantar e, anos após ano, aqui regressem.

### “Colete”, festas e iguarias

Para além dos almoços mensais para os membros, onde o cozido à portuguesa, o arroz de marisco ou a carne de porco à Alentejana são algumas das especialidades mais apreciadas, o grupo participa ativamente nas festas e eventos da cidade – “Colete Encarnado”, “Feira de Outubro”, “Feira das Tertúlias” e “Tertúlias na Rua”.

Destaca-se, pela sua vivência única, o “Colete Encarnado”. Nesse sábado, logo pela manhã, são cozinhados os caracóis, iguaria que será saboreada durante a tarde, logo a seguir à Homenagem ao Campino e ao Desfile das Tertúlias, para Teodora, o momento mais bonito da festa. Seguem-se as esperas e a animação, dentro e fora da tertúlia.

Antes da pandemia, a Tertúlia organizava eventos próprios, como a “Gala Dedal de Ouro” e a “Festa Campera dos Amigos do Dedal e do Tinto”, eventos que pretendem retomar num futuro próximo.

## La Macarena, padroeira dos toureiros

Como em qualquer tertúlia que se preze, nas paredes há recordações de convívios passados, antigos "Coletes" ou figuras da tauromaquia. Composto por doações e aquisições, o espólio da Tertúlia tem sobretudo valor emocional, com objetos que remontam às memórias afetivas daquele coletivo.

Deste espólio, Teodora destaca a fotografia emoldurada da Virgem de Macarena, cedida por um tertuliano.

*La Macarena*, Virgem da Macarena ou Virgem da Esperança é um dos aspetos da Virgem Maria, adorada pelo culto cristão sobretudo na Andaluzia, Espanha. A Santa, uma escultura em madeira datada do XVII de autor desconhecido, ostenta uma coroa em ouro e várias joias, entre as quais um conjunto oferecido pelo toureiro sevilhano Joselito "El Gallo".

Aquando da morte do toureiro, em 1920, a escultura de *La Macarena* foi vestida de negro, em sinal de luto. Reza a lenda que uma das cinco lágrimas na face da Virgem foi derramada pela morte desse toureiro.

Padroeira dos Toureiros, a cuja proteção recorrem na arena, é assim uma das peças de destaque na Tertúlia.



## Memórias Passadas

Teodora Nunes revela, com notório orgulho, que faz parte do "Colete" desde que se lembra de ser gente. Das suas memórias mais antigas da Festa, refere a passagem a pé pelo Porto Alto dos toiros que vinham para as esperas, o desfile que percorria a Rua Miguel Bombarda, onde então vivia e onde fica atualmente a tertúlia, e as tipóias enfeitadas que traziam à Festa as gentes do campo, algumas servindo de palco ambulante.

Um destes cortejos surge aliás documentado numa publicação do Museu Municipal, datada de 1993, que refere "grande cortejo nocturno de tipóias, caleches e charretes acompanhou a entrada de touros nocturna, a que se aliaram fadistas actuando nos mesmos carros."<sup>1</sup>



Palco ambulante em tipóia, na noite da sardinha assada durante as festividades do Colete Encarnado. Largo do Fidalgo. Vila Franca de Xira

Carlos Tomé, 1965 (Museu Municipal)

<sup>1</sup> CAMACHO, Clara Frayão, Festas, Romarias e Arraiais, Ed. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, junho de 1993, pág.40.

## A origem do nome

Costureira de profissão, a tertúlia funciona no mesmo local do seu ateliê, facto que deu origem ao invulgar nome.



## Hino da Tertúlia

Conheci uma tertúlia  
Dedal e tinto  
Que beleza  
Tinha febras tostadinhas  
E caracóis sobre a mesa  
Os amigos do dedal  
Não falham de certeza  
Entorna-o bem

Entorna-o todo  
Entorna-o bem  
Entorna-o todo  
E se ainda houver espaço  
Cerveja, tinto e bagaço  
Dedal e tinto a marchar  
O passo...  
Dedal e tinto, olé, olé  
Dedal e tinto, olé, olé

MUSEU DO NEO-REALISMO · CELEIRO DA PATRIARCAL · FÁBRICA DAS PALAVRAS



**António**  
**50 anos de**  
**HUMORES**  
 1974 · 2024

# FEIRA ANUAL DE OUTUBRO E SALÃO DE ARTESANATO

4 a 13 de outubro'24

Parque Urbano Vila Franca de Xira  
Pavilhão Multiusos



CÂMARA  
MUNICIPAL

Ligações Fortes  
cm-vfxira.pt

